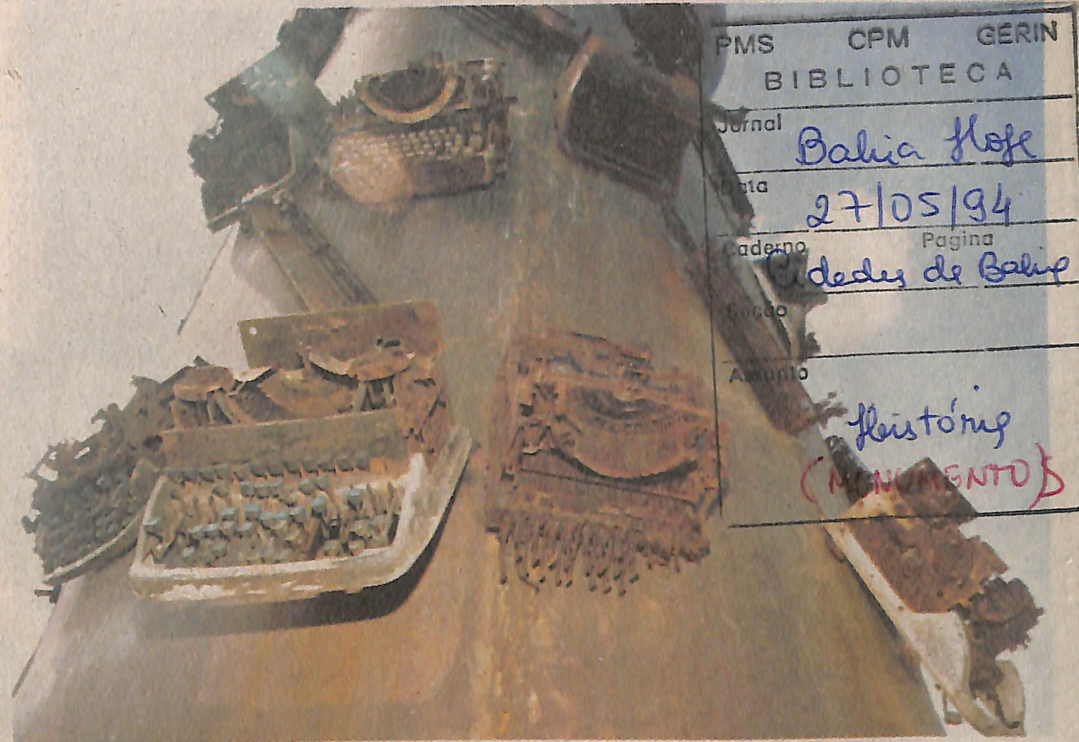


# CIDADES DA BAHIA



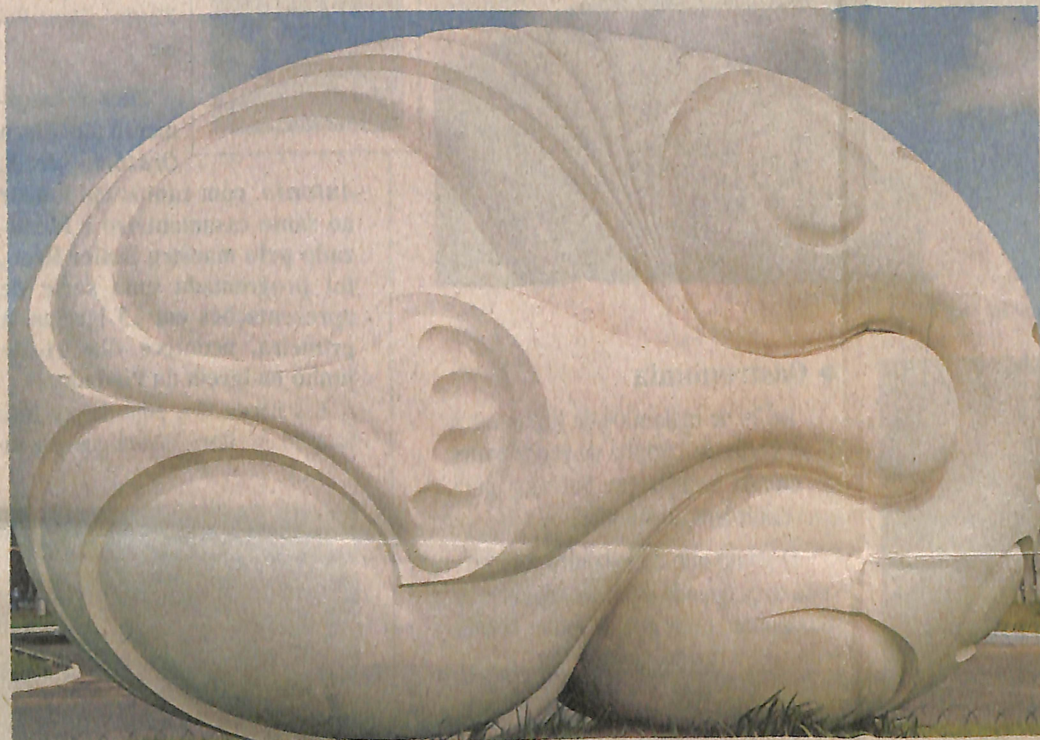
Dedicado ao político Clériston Andrade, na Garibaldi, é recorde de críticas



Homenageando Jorge Amado, no Imbuí, é conhecido como o Sorvetão das Letrinhas

MARCO AURÉLIO MARTINS

| PMS        | CPM                   | GERIN |
|------------|-----------------------|-------|
| BIBLIOTECA |                       |       |
| Jornal     | Bahia Hoje            |       |
| Data       | 27/05/94              |       |
| caderno    | Páginas               |       |
| caderno    | Cidades da Bahia      |       |
| caderno    |                       |       |
| Assunto    | História (MONUMENTOS) |       |



Criação de Juarez Paraíso representação fetal é interpretada como um cérebro



As pilastras inclinadas, em frente ao Iguatemi, atraem comentários maldosos

## MONUMENTOS

# Objetos não-identificados

Objetos terrestres não-identificados enchem as ruas da Cidade da Bahia. Anônimos para alguns, esquisitos, confusos e indecifráveis para outros, monumentos e esculturas que servem de *enfeite* para a terrinha se transformam em alvo de polêmica e, como não poderia deixar de ser, de muita gozação por parte do baiano.

É assim que obras como o monumento a Clériston Andrade (Garibaldi), um enorme *C* cortado por uma fenda, ganha apelidos e comparações curiosas. “Esse monstrengo parece pista de skate”, analisa o contador José Jenúino Barbosa. O taxista Benedito da Silveira, que faz ponto na área, prefere admitir que nunca prestou muita atenção na escultura de Mário Cravo Júnior, mesmo com toda a monumentalidade do objeto.

O taxista Oton Geraldo Vieira vai pelo lado mais prático da coisa. “O monumento é muito grande e atrapalha a visão dos motoristas”, diz. Para ele, a placa colocada próxima à escultura já seria suficiente para homenagear o candidato a governador, morto durante a campanha para o cargo, em 1982. “Eu acho que enfeita”, discorda o guardador de carros Luís Carlos Santos. Trabalhando há cinco anos ao pé da escultura, ele faz questão de fornecer dados sobre o objeto, transformando o político em artista plástico: “Quem fez isso aí foi Clériston Andrade”...

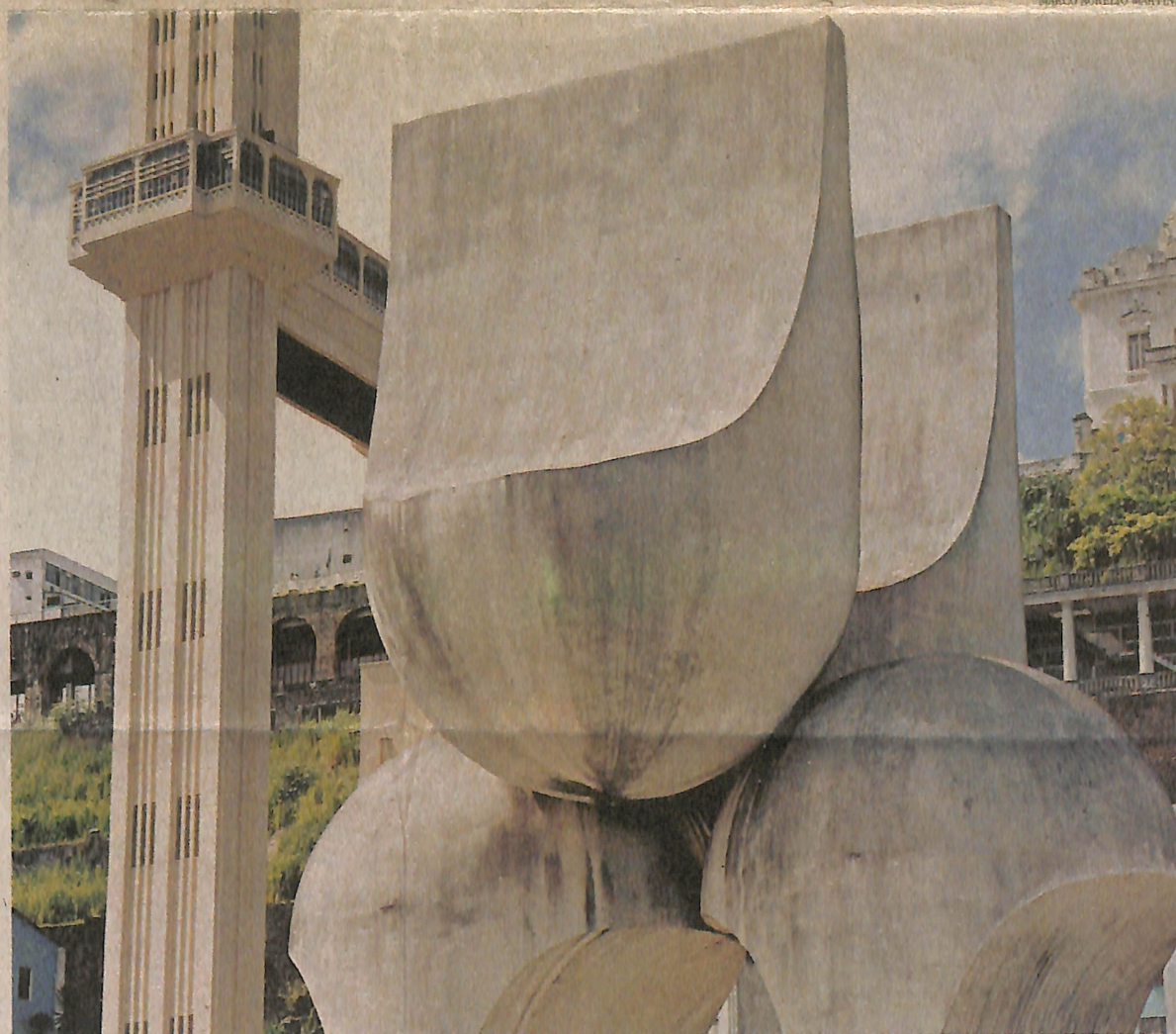
Várias definições curiosas já chegaram à gerente de Sítios Históricos da Fundação Gregório de Mattos, Graça Piva, responsável pela conservação de tais obras públicas. “O povo questiona o *C* de Clériston, achando que significa uma palavrinha de duas letras”

diverte-se. E ainda ouve explicações mais detalhadas para justificar a comparação. Segundo ela, as pessoas chegam a mencionar a “profundidade e as manchas” da escultura de Cravo.

Para os que só pensam “naquilo”, alguns monumentos são um prato cheio. O da Praça Newton Rique, em frente ao Shopping Iguatemi, atrai muitas risadas e comentários maldosos. “É indecente”, resume o pedreiro Adeilson Roseno de Deus, numa referência às cinco pilastras inclinadas que compõem a escultura. “Não sei nem dizer o que acho daquilo, é uma grande besteira, num espaço que poderia ser melhor decorado”, dispara.

Outra que desperta a atenção dos passantes é a escultura de uma mulher sem braços e de largas ancas, carregando uma criança, bem na entrada do Shopping. De autoria de Carybé mas sem nenhuma placa de identificação, o monumento fica sujeito às mais diversas interpretações. “Eu já olhei, olhei, mas não tenho noção do que seja”, admite a digitadora Sara Freitas. Apesar de estranho ao entendimento de muitos, Sara acha que o trabalho “deve ser respeitado porque o artista deve estar sabendo o que faz”.

Recordista em atrair comentários e despertar ódios e amores, o Monumento à Cidade de Salvador, de Mário Cravo Júnior, diariamente atrai os olhos de quem circula na área da rampa do Mercado Modelo. Inspirado nas velas dos saveiros que aportavam no lugar, nas ancas das baianas e nos arcos da Montanha, segundo o próprio artista, a escultura é comparada a nádegas e estimula a proliferação de piadas envolvendo o criador e governantes da época em que foi construída (1968).



Inspiração nas velas dos saveiros a obra de Mário Cravo é motivo constante de comparações eróticas

## Artistas vêem reações com bom humor

A polêmica discussão em torno dos objetos que decoram (?) a cidade se estende aos próprios criadores. Alguns, como o artista plástico Calazans Neto, encaram as descrições populares com muito bom humor. “Acho as reações interessantes e sei que as coisas que sempre perduram são aquelas levadas para o lado do gozo popular”, afirma. Para Calazans, as gozações fazem parte do modo de vida do brasileiro e demonstram que “a passagem do artista não foi pálida”.

Segundo Calazans, sua escultura pública mais comentada é o marco em homenagem a Jorge Amado, na entrada do Imbuí. Constituído de um cone e uma esfera onde foram coladas

várias letras e máquinas de escrever, o objeto logo foi apelidado de “sorvetão de letrinhas”. Calazans busca consolo na obra “Metamorfose dos Habitantes da Lagoa”, localizada na subida do Abaeté. “Aquela nunca ganhou apelido”, orgulha-se. O que ele não sabe é que muita gente costuma comparar o monumento a um canivete suíço...

Situada inicialmente no Parque Metropolitano de Pituagu e hoje colocada na entrada do Parque de Exposições, a escultura de Juarez Paraíso é outra constantemente sujeita a mil e uma interpretações. Apesar de representar o ato da gestação e do nascimento através de uma forma fetal, há quem ache o monumento parecido com um

cérebro. “Já estou acostumado com os comentários e acho que são válidos porque uma obra abstrata está sujeita a várias interpretações”, opina o artista.

“Eu acho que o artista gosta de deixar a coisa no ar até para atrair a curiosidade e estimular a imaginação das pessoas”, ressalta a gerente de Sítios Históricos, Graça Piva. “O artista é um criador, que tem uma concepção na mente e não tem que ficar dando explicações sobre o significado das obras”, completa Lúcia Cravo, mulher do recordista em esculturas polêmicas, o artista plástico Mário Cravo Júnior. Em relação aos comentários populares, ela diz que acha divertido “porque assim a escultura fica integrada ao contexto da cidade”.

## Modernismo estimula imaginação popular

Salvador possui um dos maiores acervos de monumentos ao ar livre do país. Em meio a bustos e estátuas de figuras históricas, as esculturas modernas são as que mais atraem a imaginação popular e a crítica no próprio meio artístico. As opiniões se dividem entre a observação fria do objeto e a análise dos monumentos como integrantes da história e do cenário baianos.

“Oitenta por cento dos monumentos da cidade são feios, poucos são os que enchem os olhos”, dispara o jornalista e artista plástico Maneca Muniz. Na opinião dele, as formas geométricas são “as piores possíveis”. Maneca elege o de Clériston Andrade como um dos piores. “É pesado e não tem estética”, critica. Ele acha que o número de monumentos é bom, mas “existe um excesso de porcaria”.

O restaurador e escultor Carlos Barbosa vê “com muito respeito cada escultura dessa”. Mesmo assim não deixa de apontar as que estão longe de parecerem beldades. Da sua *lista negra* constam o “sorvetão” de Calazans Neto, a enorme cabeça de Castelo Branco, no Vale de Nazaré, e a estátua de Luiz Gama, no Largo do Tanque.

Sem querer analisar os méritos de cada peça, Calazans Neto prefere dizer que a cidade é mal servida de monumentos. “Existem muitas áreas verdes que poderiam ser preenchidas com esculturas e obras de arte”, declara. Para ele, a repulsa popular não é capaz de desmerecer “obras que são definitivas e marcam a cidade”.

O artista plástico Juarez Paraíso atribui a presença de monumentos de pouca beleza estética à ausência de concursos e à falta de motivação para o artista, principalmente diante da falta de conservação dos monumentos já existentes. “As esculturas modernas são as mais desajustadas e ficam desintegradas dos ambientes”, diz. Na hora de *dar nome aos bois*, no entanto, Paraíso foge da raia. “Aí é complicado”, despista.